

## TRIPLA JORNADA DE TRABALHO E AS CONDIÇÕES DE PERMANÊNCIA DA MULHER NA UNIVERSIDADE

Vivian Aranda Ferreira Sasso<sup>1</sup>, Annelize Rocha de Oliveira<sup>2</sup>, Beatriz de Melo Rios<sup>3</sup>  
Flávio Alves da Silva<sup>4</sup>

1. Estudante do curso de Psicologia; e-mail: aranda.vivian@gmail.com
2. Estudante do curso de Psicologia; e-mail: annelize.ro@hotmail.com
3. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes, e-mail: flaviosilva@umc.br

Área de conhecimento: **Psicologia**

**Palavras-chaves:** Tripla Jornada; ensino superior; relações de gênero.

### INTRODUÇÃO

A divisão desigual de atividades domésticas e dos cuidados com os filhos entre homens e mulheres, socialmente atribuídas de acordo com as diferenças de gênero, gera uma sobrecarga para as mulheres que passaram a ocupar diferentes espaços e responsabilidades, como mercado de trabalho e universidade, além dessas atribuições que lhe são impostas, caracterizando assim a tripla jornada de trabalho (VILLAS-BOAS, OLIVEIRA e HERAS, 2014). Diante disso, este trabalho se propôs a investigar como se dá a presença da mulher em tripla jornada de trabalho no ensino superior.

### OBJETIVOS

Identificar aspectos que permeiam a vida de mulheres universitárias em tripla jornada de trabalho, bem como descrever as principais situações vivenciadas por mulheres que conciliam trabalho, estudo e vida doméstica; identificar as principais dificuldades de acesso e permanência de mulheres no Ensino Superior; verificar como a vida acadêmica influencia nas relações afetivas e sociais de mulheres universitárias; descrever as principais estratégias desenvolvidas por estudantes universitárias para cumprir seus diferentes papéis; e analisar como a tripla jornada tem afetado o rendimento acadêmico de mulheres universitárias.

### METODOLOGIA

Trata-se de estudo descritivo e exploratório de abordagem qualitativa, que se utilizou da metodologia da História Oral Temática, conforme o proposto por Meihy e Holanda (2007). Participaram da pesquisa 15 (quinze) mulheres que vivenciam uma tripla jornada de trabalho e estão matriculadas em uma universidade privada do Alto Tietê. A pesquisa foi executada a partir da realização de entrevistas abertas com as universitárias, utilizando um gravador, partindo da seguinte questão disparadora: Pode me contar como você concilia trabalho, família e atividades domésticas com os estudos? As entrevistas foram transcritas, textualizadas, transcriadas e cartografadas, e neste processo marcou-se as palavras-chave que continham a questão da pesquisa. Para a análise, foram entrelaçados recortes de falas dos depoimentos com reflexões das pesquisadoras e dos autores estudados buscando encontrar sentido e refletir acerca das questões para desvelar uma possível compreensão das repercussões da tripla jornada de trabalho que essas mulheres vivenciam.

### RESULTADOS/DISCUSSÃO

Com base nos relatos das mulheres entrevistadas, foi possível observar que a pressão e cobrança familiar estão presentes no cotidiano de boa parte delas. A rotina desgastante,

somada ao fato de não poderem se dedicar à família tanto quanto gostariam ou como são socialmente cobradas, gera sentimento de culpa, como identificado no relato de P1: “é uma porcaria, né? Você acaba se culpando por isso, é difícil, muito difícil. Chegar, nesse momento aonde estou hoje, para mim é uma grande vitória. Muito gratificante, e eu sei o quanto foi doloroso” (P1). Uma das falas mais frequentes nas entrevistas foi a respeito da falta que os filhos sentem da presença integral da mãe em suas vidas: “Tenho pouco tempo com o meu filho, fico pouco, ele sente muita falta e é o mais complicado, né? Mas a gente vai tocando” (P8). Para Strey (2007, p.24), a pressão cultural sobre as mulheres, no que diz respeito à maternidade, é uma das mais fortes e persistentes. Desta forma, independente de seus valores, personalidade ou infância, quando são mães, acabam se ajustando ao papel maternal admitido pela sua cultura (McMahon, 1995 apud STREY,2007). Algumas das depoentes falaram, ainda, sobre o fim do relacionamento e sobre a possibilidade de terem iniciado a graduação após um término, como no relato de P6: “Eu me separei com trinta e um anos, aí que eu resolvi fazer o que eu tinha vontade de fazer que era estudar, porque meu ex-marido não deixava e como eu dependia dele, então eu acabava me submetendo a essas situações” (P6). Isso se baseia no fato de que na sociedade, há séculos, a mulher é cobrada por se afastar da esfera privada, representada pela vida doméstica, sendo acusada de abandonar marido e filho. Tais constatações ainda se encontram bastante presentes em muitos discursos atualmente (FABBRO, 2006). Conforme outros relatos, o marido até participa porém, as atividades ainda recaem sobre a mulher: “eu não tenho uma pessoa para me ajudar, é meu marido que me ajuda bastante hoje. Então ele até fala “ah, eu vou te ajudando hoje, adiantando algumas coisas”, então eu vejo que, assim, é possível, fácil não” (P12). Pesquisas realizadas por Bruschini (2006) constataram que as mulheres dispõem maior tempo por semana às tarefas domésticas que os homens. A sobrecarga de tarefas se faria menor se essas mulheres contassem com uma divisão justa entre elas e seus parceiros, o que, quando acontece, é visto pela maioria delas como uma ajuda e não uma obrigação, por acreditarem que este seja papel exclusivo das mulheres (ÁVILA e PORTES, 2012). Em todos os relatos as mulheres responderam que era um grande desafio conciliar a tripla jornada de trabalho e que o planejamento do tempo ou das horas era fundamental. Algumas relataram que dentre as prioridades da tripla jornada, os afazeres domésticos não são os mais urgentes. Poucas participantes relataram deixar os filhos aos cuidados do marido ou outras pessoas que não os avós, enquanto estão em outras jornadas. Identificou-se que muitas contam com o apoio de terceiros no dia a dia, sendo os avós os principais cuidadores nos períodos em que elas estão ausentes. Quanto a isso, relata P4: “porque se não fosse ela (sogra) eu não ia conseguir estudar[...] tanto que eu só consegui voltar para a faculdade depois que ela se aposentou” (P4). Para Ávila e Portes (2012), existe entre as mulheres em tripla jornada de trabalho uma consciência de que, por mais que deem o melhor de si, ainda não será possível dar conta de todos os segmentos de sua vida, ficando sempre algum destes mais prejudicado. Outro desafio para a mulher em tripla jornada é interagir em sala de aula e trabalhos em grupos: “às vezes a gente tem dificuldade, principalmente em grupo, de achar um tempo para conseguir fazer [...], as pessoas não entendem, às vezes, a correria que é” (P3). Observa-se em alguns depoimentos que elas acabam se desgastando ainda mais para evitar comprometer seu rendimento acadêmico, tendo como consequência prejuízos em sua saúde e qualidade de vida: “eu tenho percebido que conforme vai passando o tempo, os semestres, eu estou ficando bem mais cansada. Ano passado eu tive duas internações, porque fiquei bem cansada” (P15). Apesar disso, foi possível identificar nas narrativas das mulheres em tripla jornada que cursar uma graduação está vinculado à busca de uma realização pessoal, como no relato de P4: “A faculdade para mim é uma válvula de escape, é o único momento que eu tenho para mim [...]. Eu estou fazendo alguma coisa para mim, não é para ninguém, não é para filho, não é para casa, não é para marido, porque a gente que tem esposo e que tem filho vive em função de todo mundo, sabe?” (P4).

## CONCLUSÕES

O estudo evidenciou alguns fatores determinantes para a permanência (ou não) das mulheres em tripla jornada de trabalho na universidade. No caso das mulheres casadas, os maridos podem surgir como um apoio, mas, muitas vezes, dificultam tanto o acesso quanto permanência, pois reforçam estereótipos patriarcais de que só mulheres sejam responsáveis pelas tarefas domésticas e cuidados com os filhos. Outro fator que se fez presente em todos os relatos é o ingresso no Ensino Superior como realização pessoal que, somado a uma rede de apoio, influencia fortemente na permanência dessas mulheres na universidade, tornando os estudos uma forma de estarem fazendo algo por si, priorizando-se enquanto pessoas de direito. Em contrapartida, as cobranças externas somadas à ausência de tempo para realização das atividades relacionadas ao lar, faculdade e trabalho, bem como a falta de momentos de lazer e descanso, atuam como más condições, que limitam suas vivências na universidade e tudo aquilo que a vida acadêmica pode proporcionar, como produção de conhecimento em pesquisas, atividades extracurriculares e participação política, e afetam a saúde física e mental dessas mulheres, impactando em sua qualidade de vida. É evidente que as atuais relações de gênero e a divisão sexual do trabalho construídas e enraizadas na sociedade ao longo do tempo acerca do papel da mulher, a colocam exclusivamente à disposição e em função de outros. Conclui-se, portanto, que conciliar uma tripla jornada de trabalho encontra ainda mais obstáculos diante de uma sociedade com princípios patriarcais que, apesar de dar o direito, não garante condições justas para que mulheres que trabalham e são mães possam ser também estudantes universitárias. Neste sentido, faz-se necessário que se discuta cada vez mais a participação feminina na sociedade e se atue no sentido de romper com papéis cristalizados de gênero que limitam e inferiorizam mulheres, sendo sugeridos, assim, novos estudos.

## REFERÊNCIAS

ÁVILA, Rebeca Contrera; PORTES, Écio Antônio. **A tríplice jornada de mulheres pobres na universidade pública: trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos.**

BRUSCHINI, Cristina.. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado?. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, São Paulo, v. 23, n. 1, p.331-353, 2006.

FABBRO, Márcia Regina Cangiani. **Mulher e Trabalho: problematizando o trabalho acadêmico e a maternidade.** 2006. 366 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: Como fazer, como penar.** São Paulo: Contexto, 2007.

STREY, Marlene Neves (Org.). Gênero, Família e Sociedade. In: STREY, Marlene Neves; SILVA NETO, João Alves da; HORTA, Rogério Lessa (Org.). **Família e Gênero.** Porto Alegre: Edipucrs, 2007. Cap. 1, p. 331.

VILLAS-BOAS, Susana; OLIVEIRA, Catarina Sales; HERAS, Soledad Las. Tarefas domésticas e gênero: representações de estudantes do ensino superior. **Ex aequo**, Lisboa, n. 30, p. 113-129, dez. 2014.